

Quincas Borba







# MACHADO DE ASSIS

## Quincas Borba

### TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição crítica  
do Instituto Nacional do Livro.

Apresentação de

**José Carlos Garbuglio**

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

**gerente editorial** Claudia Morales  
**editor** Fabricio Waltrick  
**editora assistente** Malu Rangel  
**assistente editorial** Grazielle Veiga  
**diagramadora** Thatiana Kalaes  
**coordenadora de revisão** Ivany Picasso Batista  
**revisão** Bárbara Borges e Cláudia Cantarin  
**editor de arte** Vinicius Rossignol Felipe  
**projeto gráfico** Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez  
**editoração eletrônica** Acqua Estúdio Gráfico

**imagem da capa** Sem título, 1998, obra de Angelo Venosa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

A866q  
18. ed.

Assis, Machado de, 1839-1908  
Quincas Borba : romance / Machado de Assis. - 18.ed. - São Paulo : Ática, 2011.  
272p. - (Bom Livro)

Apêndice  
ISBN 978-85-08-13187-7

1. Romance brasileiro. I. Título.

11-0074.

CDD 869.93  
CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 13187-7 (aluno)  
CL: 736795  
CAE: 261606

2018  
18ª edição  
3ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S. A.  
Avenida das Nações Unidas, 7221 | Cep 05425-902 | São Paulo | SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@aticascipione.com.br  
www.coletivoleitor.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário

A composição e a decomposição 11

Prólogo da terceira edição 19

I 21	XXIII 43	XLV 65
II 21	XXIV 44	XLVI 66
III 22	XXV 44	XLVII 67
IV 23	XXVI 44	XLVIII 69
V 24	XXVII 45	XLIX 70
VI 26	XXVIII 45	L 71
VII 28	XXIX 47	LI 76
VIII 29	XXX 48	LII 77
IX 30	XXXI 49	LIII 78
X 31	XXXII 50	LIV 79
XI 33	XXXIII 52	LV 80
XII 34	XXXIV 53	LVI 81
XIII 34	XXXV 54	LVII 82
XIV 35	XXXVI 55	LVIII 84
XV 35	XXXVII 56	LIX 85
XVI 37	XXXVIII 57	LX 86
XVII 37	XXXIX 58	LXI 88
XVIII 38	XL 59	LXII 89
XIX 39	XLI 60	LXIII 90
XX 40	XLII 60	LXIV 90
XXI 40	XLIII 63	LXV 92
XXII 43	XLIV 64	LXVI 93

LXVII 93  
LXVIII 95  
LXIX 98  
LXX 101  
LXXI 103  
LXXII 104  
LXXIII 104  
LXXIV 105  
LXXV 106  
LXXVI 107  
LXXVII 107  
LXXVIII 108  
LXXIX 109  
LXXX 110  
LXXXI 111  
LXXXII 112  
LXXXIII 114  
LXXXIV 115  
LXXXV 116  
LXXXVI 116  
LXXXVII 118  
LXXXVIII 118  
LXXXIX 119  
XC 121  
XCI 122  
XCII 122  
XCIII 123  
XCIV 124  
XCV 124  
XCVI 125  
XCVII 126  
XCVIII 127  
XCIX 128  
C 129  
CI 131  
CII 132  
CIII 133  
CIV 134  
CV 135

CVI 137  
CVII 138  
CVIII 138  
CIX 141  
CX 142  
CXI 144  
CXII 145  
CXIII 145  
CXIV 146  
CXV 146  
CXVI 10  
CXVII 151  
CXVIII 152  
CXIX 156  
CXX 158  
CXXI 161  
CXXII 161  
CXXIII 163  
CXXIV 163  
CXXV 163  
CXXVI 164  
CXXVII 164  
CXXVIII 165  
CXXIX 166  
CXXX 167  
CXXXI 169  
CXXXII 169  
CXXXIII 170  
CXXXIV 171  
CXXXV 172  
CXXXVI 172  
CXXXVII 173  
CXXXVIII 173  
CXXXIX 175  
CXL 175  
CXLI 176  
CXLII 178  
CXLIII 178  
CXLIV 178

CXLV 179  
CXLVI 180  
CXLVII 182  
CXLVIII 183  
CXLIX 184  
CL 184  
CLI 185  
CLII 185  
CLIII 187  
CLIV 190  
CLV 191  
CLVI 191  
CLVII 192  
CLVIII 193  
CLIX 194  
CLX 196  
CLXI 196  
CLXII 198  
CLXIII 198  
CLXIV 199  
CLXV 200  
CLXVI 201  
CLXVII 202  
CLXVIII 204  
CLXIX 204  
CLXX 206  
CLXXI 207  
CLXXII 208  
CLXXIII 208  
CLXXIV 209  
CLXXV 210  
CLXXVI 213  
CLXXVII 214  
CLXXVIII 215  
CLXXIX 216  
CLXXX 217  
CLXXXI 219  
CLXXXII 221  
CLXXXIII 222

CLXXXIV	223	CXC	228	CXCVI	231
CLXXXV	224	CXCI	228	CXCVII	231
CLXXXVI	225	CXCII	229	CXCVIII	232
CLXXXVII	225	CXCIII	229	CXCIX	232
CLXXXVIII	225	CXCIV	230	CC	233
CLXXXIX	228	CXCV	230	CCI	234

Vida & obra	235
Resumo biográfico	261
Obras do autor	263
Obra da capa	267







# A COMPOSIÇÃO E A DECOMPOSIÇÃO<sup>1</sup>

José Carlos Garbuglio

Professor aposentado de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

Publicado inicialmente na revista *A Estação*, entre 15 de junho de 1886 e 15 de setembro de 1891, o romance *Quincas Borba* aparece em forma de livro nesse mesmo ano pela editora Garnier. Integra a chamada segunda fase da ficção de Machado de Assis, principiada com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, donde sai naturalmente *Quincas Borba*.

À primeira vista, o “tema” do romance é o da loucura despertada através de um processo que ativa fatores latentes, herdados pelo personagem de Quincas Borba, em suas atitudes e manias, até o pronunciamento final. Ligando esses dois extremos, ocorre a sucessão de estímulos que envolvem o personagem e desvendam as engrenagens do sistema. Nesse caso, tão importante como o esquema que define o personagem está a caracterização da sociedade cujas virtualidades se manifestam, pondo a nu o traço mercantilista onde importam apenas os valores de troca, quaisquer que eles sejam. Nessas condições, o decantado problema do adultério virtual da personagem Sofia passa a ser secundário e visto apenas como outro componente que entra com igual validade no sistema de trocas consagrado, sobretudo porque jamais se consuma ou se consume.

Ora, para ressaltar tais aspectos o autor joga com dados que permitem acompanhar as oscilações do mercado, que depende do maior ou menor grau de conhecimento e consciência da estrutura que o subsidia. Nesse sentido, a brusca mudança de status de Rubião é de extrema importância. Vendo-se de repente transformado de “professor em capitalista”, constitui presa fácil de embaimento. Atraído pelo fascínio da Corte, graças à gorda herança alcançada, abandona velhos hábitos, mas traz intacta a ingenuidade e, com ela, valores ainda não contaminados. É, assim, minado com facilidade pelo sistema, no qual passa a viver sem os suportes do aprendizado que lhe garantissem a invulnerabilidade. A narrativa acom-

---

1 Esta apresentação antecipa partes importantes do enredo. (N.E.)

panha o processo de degradação de Rubião até sua completa alienação, consequente à loucura, uma vez consumada a pilhagem. O retorno à cidade de origem é também o regresso ao estágio de pobreza anterior à herança, que completa o círculo professor-capitalista-alienado.

Aqui é importante o reconhecimento da ingenuidade de Rubião para ressaltar o estranhamento em face do novo código e os graus sucessivos da degradação: “Rubião era mais crédulo que crente; não tinha razões para atacar nem para defender nada: terra eternamente virgem para se lhe plantar qualquer coisa”. Colocado de chofre no topo da pirâmide, ele ignora os passos que o conduzem até lá, facilita o envolvimento e o assalto, densificando o impacto do leitor, que se vê cúmplice no projeto sem poder modificar as regras as quais, em geral, conhece pela própria experiência. Vendo o problema dessa perspectiva, a herança que Rubião recebe de Quincas Borba aparece como aborto social. Por sua vez, a busca da riqueza que corrói todos os valores aparece como outro equívoco, especialmente quando se tem como tábua aquela de valores ainda não degradados.

Mas herança, no caso daquela deixada por Quincas Borba para Rubião, tem pelo menos duas implicações. Uma de natureza social, com bens acumulados que passam de mão em mão, meio predileto de enriquecimento nessa sociedade; e outra, mais complicada, a que talvez se pudesse dar o nome de “psicológica”, abusando um pouco do termo, e que se personifica em Rubião. Ao herdar as posses de Quincas Borba, o protagonista do romance herda o cão, uma espécie de consciência que prolonga no presente a lembrança do passado, e, principalmente, herda os germes da loucura do falecido. Pelo que é e pelo que traz, Rubião é elemento estranho ao meio a que foi guindado, por isso não pode compreendê-lo — apenas sofre-lhe a pressão.

Entre os componentes básicos de tal pressão, síntese do sistema, estão Sofia, seu marido, o Palha, e Camacho, para os quais Rubião se converte na grande oportunidade da escalada social. Destaque-se o capítulo LXIX como momento de síntese do conjunto. Ali se revela o sucesso econômico do casal Palha, que acabava de trocar a casa de Santa Teresa pela da praia do Flamengo, passo intermediário para o palacete do Botafogo, ponto de chegada ao topo da pirâmide social. Nesse capítulo ficamos sabendo que Rubião é sócio da firma de importação Palha e Companhia. É o momento fundamental de algumas ambiguidades básicas de comportamento e, principalmente, de linguagem, que definem os estratos sociais, como mostra a passagem a seguir: “Rubião não podia compreender os algarismos do Palha, cálculos de lucros, tabelas de preços, direitos da alfândega,

nada; mas a linguagem falada supria a escrita. Palha dizia coisas extraordinárias [...]”.

Aqui fica evidente, nos níveis do código, o jogo de interesses diversos. De um lado está a linguagem técnica, dos números, cifrada para Rubião. Não conhecendo essa chave, o personagem não pode compreender seu sentido, nem o sentido do negócio proposto por Palha. Antes de revelar, a função dessa linguagem é ocultar, velar o jogo. De outro lado está a linguagem que precisa persuadir, que é incisiva. Fala à vaidade, nutre os sonhos de Rubião, alude à projeção política e social já estimulada por Camacho, o verdadeiro sócio de Palha na firma, que é uma notável metáfora da pilhagem armada contra o ingênuo Rubião. Enquanto isso, ele está obcecado pela ideia de conquista de Sofia, que “só apareceu no fim, sem deixar de estar nele, desde o princípio, ideia latente, uma das causas últimas do ato”. Daqui sobrevém uma ambiguidade capital da narrativa. Alimentando o projeto de conquista em Rubião, incentivada pelo próprio marido, Sofia catalisa a pilhagem, favorecendo o desequilíbrio, apressando a loucura, degradando o homem. Sofia é parte central no jogo do qual apenas Rubião ignora as regras e cujo fim é a posse que põe as pessoas a coberto das necessidades, assegurando o ócio sem as preocupações imediatas.

Ora, em tal mercado, Sofia funciona como elemento-chave do processo de troca, encarnando os valores do meio. Consome sem se deixar consumir. O adultério, ou a suposição dele, mantém presente o fato viável e se transforma em componente ativo e de valor permanente no sistema, uma vez que seu poder de troca não se esgota, embora seja esgotante.

Mas é preciso não simplificar para não mutilar. Sofia se compõe a partir de uma tríplice perspectiva. A do narrador, que acentua seus meneios, seu charme, “a chantagem do adultério”, a suposta disponibilidade; a Sofia que se comporta numa ambiguidade aparente, aversa à pobreza, vaidosa de seus atrativos, ansiosa por aparecer ao *grand monde*, de exibir o “corpo bem-feito”, “o colo decotado”, “os braços cheios”, que o marido usa como instrumento para facilitar a abertura de caminhos; por fim, a Sofia composta pela imaginação de Rubião. Instalada em seu espírito, a figura de Sofia sofre todas as deformações necessárias para que ele monte a “sua” imagem dela: a mulher cobiçada que pode cumprir as promessas do desejo recalcado.

A linguagem forja o perfil sedutor da mulher em cujo comportamento Rubião vê ambiguidades e maquinações. Sem dissuadi-lo, ela alimenta os pressupostos, permitindo que o marido continue a usar o capital de Ru-

bião, num jogo que os transforma em espelhos da sociedade, enquanto se desarticulam suas estruturas correntes.

Por aí se pode ver a habilidade com que Machado de Assis ata o texto ao contexto, mostrando que os dramas humanos não passam de peças que se intercambiam de acordo com os interesses em jogo. Ora, interesse, no caso, quer dizer acumular bens, sobrepor-se ao anonimato, impor-se à sociedade. Fruto do meio social que aceita e no qual quer brilhar, jamais fruto biológico segundo as regras do realismo-naturalismo, Sofia utiliza todos os instrumentos em disponibilidade, afiados pelo marido para conseguir a subida e a participação no estamento. “Com tais golpes e com tais armas alcança-se a ociosidade elegante, a riqueza sem escrúpulos, a irradiação do poder”.

É dentro de tal mecanismo que Rubião se deixa envolver, mesmo antes de chegar à Corte (pois é na viagem da mineira Barbacena, sua cidade natal, ao Rio de Janeiro que conhece seus despojadores, Palha e Sofia). O envolvimento entre os personagens é essencial para o desvelamento da engrenagem, cujos valores serão postos em causa. Enriquecido sem ser contaminado, Rubião continua portador das virtudes que se transformam exatamente em sua destruição. Aliado a elas traz também os germes da loucura e, submetido à pressão do meio, ele tende à desagregação, degradante e alienante, que é seu fim quase natural. Chegado aqui, o grupo que o frequentava desaparece, dado que seu poder de troca se extingue.

Importa, no entanto, ressaltar outro fator. Rubião existe socialmente porque existe literariamente, graças ao poder criador da palavra. Isto é, a obra, e ele com ela, só ganharam existência a partir do momento que o escritor Machado de Assis os substanciou numa palavra rica de virtualidades capazes de gerar a ilusão daquela realidade. A narrativa constrói a sensação de joguete acochado pelas forças que o disputam, e duplica o personagem entre este mundo e aquele dos seus sonhos e delírios. Ao mesmo tempo, a narrativa canaliza os atos pela adoção dos valores que estão na base de sua ruína e estabelece desde cedo um ritmo de vaivém. Recortando as oscilações de Rubião, traduz os níveis precários de seu equilíbrio graças a uma linguagem em fluxo que leva Sofia a mostrar-se e esconder-se, a oferecer-se e negar-se, a avançar e recuar, projetando as idas e vindas do anti-herói Rubião. Tal recurso linguístico está presente desde o primeiro capítulo do livro: contemplando a praia do Botafogo da janela de seu palacete, Rubião se divide em sensações opostas entre o passado incerto de professor e o presente seguro de capitalista, entre a insegurança e a segurança, entre a Sofia que é, e a que lhe parece ser. As-

sim, enquanto gera o ser difuso que é o personagem de Rubião, a linguagem compõe e decompõe a realidade de que é vítima passiva.

Vista dessa maneira, a leitura de *Quincas Borba* deixa de ser de natureza estritamente moral, ocupada com pessimismos e dissolvências, para atingir estruturas mais profundas e válidas de um mundo empenhado em espelhar pela criação os dados do contexto.

Mas é preciso evitar a simplificação e atentar para a multiplicidade enriquecedora que desdobra as leituras da obra num jogo de permanente interesse. Forjada a ilusão daquela realidade, o escritor mantém portas trancadas, ilumina apenas alguns lados dos fatos, instala dúvidas, varia a perspectiva para alcançar planos menos aparentes; não demonstra, sugere. Graças a sua força, o jogo atrai e permanece vivo, resistindo ao tempo, desafiando o leitor e sua inteligência, sacudindo nossa indiferença.





**Quincas Borba**



## PRÓLOGO DA TERCEIRA EDIÇÃO

A segunda edição deste livro acabou mais depressa que a primeira. Aqui sai ele em terceira, sem outra alteração além da emenda de alguns erros tipográficos, tais e tão poucos que, ainda conservados, não encobririam o sentido.

Um amigo e confrade ilustre tem teimado comigo para que dê a este livro o seguimento de outro. “Com as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, donde este proveio, fará você uma trilogia, e a *Sofia de Quincas Borba* ocupará exclusivamente a terceira parte.” Algum tempo cuidei que podia ser, mas relendo agora estas páginas concluo que não. A *Sofia* está aqui toda. Continuá-la seria repeti-la, e acaso repetir o mesmo seria pecado. Creio que foi assim que me tacharam este e alguns outros dos livros que vim compondo pelo tempo fora no silêncio da minha vida. Vozes houve, generosas e fortes, que então me defenderam; já lhes agradei em particular; agora o faço cordial e publicamente.

1899.

MACHADO DE ASSIS



I

Rubião fitava a enseada, — eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora! Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

II

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... — Bonita canoa! — Antes assim! — Como obedece bem aos remos do homem! — O certo é que eles estão no céu!



Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara, e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um *Mefistófeles* e um *Fausto*<sup>1</sup>. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, — primor de argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.

— Quincas Borba está muito impaciente? perguntou Rubião bebendo o último gole de café, e lançando um último olhar à bandeja.

— *Me parece que si.*

— Lá vou soltá-lo.

Não foi; deixou-se ficar, algum tempo, a olhar para os móveis. Vendo as pequenas gravuras inglesas, que pendiam da parede por cima dos dois bronzes, Rubião pensou na bela Sofia, mulher do Palha, deu alguns passos, e foi sentar-se no pouf, ao centro da sala, olhando para longe...

— Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar. Estava tão bonita! Mas o que eu mais gosto dela são os ombros, que vi no baile do coronel. Que ombros! Parecem de cera; tão lisos, tão brancos! Os braços também; oh! os braços! Que bem-feitos!

Rubião suspirou, cruzou as pernas, e bateu com as borlas do chambre sobre os joelhos. Sentia que não era inteiramente feliz; mas sentia também que não estava longe a felicidade completa. Recompunha de cabeça uns modos, uns olhos, uns requebros sem explicação, a não ser esta, que ela o amava, e que o amava muito. Não era velho; ia fazer quarenta e um

---

<sup>1</sup> *Mefistófeles* e *Fausto*: personagens da obra *Fausto*, do escritor romântico alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). Mefistófeles representa o demônio, a quem Fausto vende sua alma a fim de obter o que deseja. (N.E.)

anos; e, rigorosamente, parecia menos. Esta observação foi acompanhada de um gesto; passou a mão pelo queixo, barbeado todos os dias, coisa que não fazia dantes, por economia e desnecessidade. Um simples professor! Usava suíças (mais tarde deixou crescer a barba toda), — tão macias, que dava gosto passar os dedos por elas... E recordava assim o primeiro encontro, na estação de Vassouras, onde Sofia e o marido entraram no trem da estrada de ferro, no mesmo carro em que ele descia de Minas; foi ali que achou aquele par de olhos viçosos, que pareciam repetir a exortação do profeta: Todos vós que tendes sede, vinde às águas. Não trazia ideias adequadas ao convite, é verdade; vinha com a herança na cabeça, o testamento, o inventário, coisas que é preciso explicar primeiro, a fim de entender o presente e o futuro. Deixemos Rubião na sala de Botafogo, batendo com as borlas do chambre nos joelhos, e cuidando na bela Sofia. Vem comigo, leitor; vamos vê-lo, meses antes, à cabeceira do Quincas Borba.

## IV

Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as *Memórias póstumas de Brás Cubas*<sup>2</sup>, é aquele mesmo náufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora em Barbacena. Logo que chegou, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida; mas, tão acanhada, que os suspiros do namorado ficavam sem eco. Chamava-se Maria da Piedade. Um irmão dela, que é o presente Rubião, fez todo o possível para casá-los. Piedade resistiu, um pleuris<sup>3</sup> a levou.

Foi esse trechozinho de romance que ligou os dois homens. Saberia Rubião que o nosso Quincas Borba trazia aquele grãozinho de sandice, que um médico supôs achar-lhe? Seguramente, não; tinha-o por homem esquisito. É, todavia, certo que o grãozinho não se despeçou do cérebro de Quincas Borba, — nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu. Quincas Borba tivera ali alguns parentes, mortos já agora em 1867; o último foi o tio que o deixou por herdeiro de seus bens. Rubião

---

2 *Memórias póstumas de Brás Cubas*: publicado em 1881, este romance marca o início da fase mais consagrada da obra de Machado de Assis e surpreende leitores acostumados às narrativas tradicionais: nele, um defunto conta sua história. (N.E.)

3 *pleuris*: inflamação da pleura, membrana que recobre o pulmão. (N.E.)

ficou sendo o único amigo do filósofo. Regia então uma escola de meninos, que fechou para tratar do enfermo. Antes de professor, metera ombros a algumas empresas, que foram a pique.

Durou o cargo de enfermeiro mais de cinco meses, perto de seis. Era real o desvelo de Rubião, paciente, risonho, múltiplo, ouvindo as ordens do médico, dando os remédios às horas marcadas, saindo a passeio com o doente, sem esquecer nada, nem o serviço da casa, nem a leitura dos jornais, logo que chegava a mala da Corte ou a de Ouro Preto.

— Tu és bom, Rubião, suspirava Quincas Borba.

— Grande façanha! Como se você fosse mau!

A opinião ostensiva do médico era que a doença do Quincas Borba iria saindo devagar. Um dia, o nosso Rubião, acompanhando o médico até à porta da rua, perguntou-lhe qual era o verdadeiro estado do amigo. Ouviu que estava perdido, completamente perdido; mas, que o fosse animando. Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza...?

— Lá isso, não, atalhou Rubião; para ele, morrer é negócio fácil. Nunca leu um livro que ele escreveu, há anos, não sei que negócio de filosofia...

— Não; mas filosofia é uma coisa, e morrer de verdade é outra; adeus.

## V

Rubião achou um rival no coração de Quincas Borba, — um cão, um bonito cão, meio tamanho, pelo cor de chumbo, malhado de preto. Quincas Borba levava-o para toda parte, dormiam no mesmo quarto. De manhã, era o cão que acordava o senhor, trepando ao leito, onde trocavam as primeiras saudações. Uma das extravagâncias do dono foi dar-lhe o seu próprio nome; mas, explicava-o por dois motivos, um doutrinário, outro particular.

— Desde que Humanitas<sup>4</sup>, segundo a minha doutrina, é o princípio da vida e reside em toda a parte, existe também no cão, e este pode assim receber um nome de gente, seja cristão ou muçulmano...

— Bem, mas por que não lhe deu antes o nome de Bernardo, disse Rubião com o pensamento em um rival político da localidade.

---

4 **humanitas**: do latim, "humanidade". (N.E.)

— Esse agora é o motivo particular. Se eu morrer antes, como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro. Ris-te, não?

Rubião fez um gesto negativo.

— Pois devias rir, meu querido. Porque a imortalidade é o meu lote ou o meu dote, ou como melhor nome haja. Viverei perpetuamente no meu grande livro. Os que, porém, não souberem ler, chamarão Quincas Borba ao cachorro, e...

O cão, ouvindo o nome, correu à cama. Quincas Borba, comovido, olhou para Quincas Borba:

— Meu pobre amigo! meu bom amigo! meu único amigo!

— Único!

— Desculpa-me, tu também o és, bem sei, e agradeço-te muito; mas a um doente perdoa-se tudo. Talvez esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho.

Rubião deu-lhe o espelho. O doente contemplou por alguns segundos a cara magra, o olhar febril, com que descobria os subúrbios da morte, para onde caminhava a passo lento, mas seguro. Depois, com um sorriso pálido e irônico:

— Tudo o que está cá fora corresponde ao que sinto cá dentro; vou morrer, meu caro Rubião... Não gesticules, vou morrer. E que é morrer, para ficares assim espantado?

— Sei, sei que você tem umas filosofias... Mas falemos do jantar; que há de ser hoje?

Quincas Borba sentou-se na cama, deixando pender as pernas, cuja extraordinária magreza se adivinhava por fora das calças.

— Que é? que quer? acudiu Rubião.

— Nada, respondeu o enfermo sorrindo. Umas filosofias! Com que desdém me dizes isso! Repete, anda, quero ouvir outra vez. Umas filosofias!

— Mas não é por desdém... Pois eu tenho capacidade para desdenhar de filosofias? Digo só que você pode crer que a morte não vale nada, porque terá razões, princípios...

Quincas Borba procurou com os pés as chinelas; Rubião chegou-lhas; ele calçou-as e pôs-se a andar para esticar as pernas. Afagou o cão e acendeu um cigarro. Rubião quis que se agasalhasse, e trouxe-lhe um fraque, um colete, um chambre, um capote, à escolha. Quincas Borba recusou-se com um gesto. Tinha outro ar agora; os olhos metidos para dentro viam pensar o cérebro. Depois de muitos passos, parou, por alguns segundos, diante de Rubião.

# VI

Para entenderes bem o que é a morte e a vida, basta contar-te como, morreu minha avó.

— Como foi?

— Senta-te.

Rubião obedeceu, dando ao rosto o maior interesse possível, enquanto Quincas Borba continuava a andar.

— Foi no Rio de Janeiro, começou ele, defronte da Capela Imperial, que era então Real, em dia de grande festa; minha avó saiu, atravessou o adro, para ir ter à cadeirinha, que a esperava no Largo do Paço. Gente como formiga. O povo queria ver entrar as grandes senhoras nas suas ricas traquitanas. No momento em que minha avó saía do adro para ir à cadeirinha, um pouco distante, aconteceu espantar-se uma das bestas de uma sege; a besta disparou, a outra imitou-a, confusão, tumulto, minha avó caiu, e tanto as mulas como a sege passaram-lhe por cima. Foi levada em braços para uma botica da Rua Direita, veio um sangrador, mas era tarde; tinha a cabeça rachada, uma perna e o ombro partidos, era toda sangue; expirou minutos depois.

— Foi realmente uma desgraça, disse Rubião.

— Não.

— Não?

— Ouve o resto. Aqui está como se tinha passado o caso. O dono da sege estava no adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A sege no meio do caminho achou um obstáculo e derribou-o; esse obstáculo era minha avó. O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação: Humanitas tinha fome. Se em vez de minha avó, fosse um rato ou um cão, é certo que minha avó não morreria, mas o fato era o mesmo; Humanitas precisa comer. Se em vez de um rato ou de um cão, fosse um poeta, Byron ou Gonçalves Dias<sup>5</sup> diferia o caso no sentido de dar matéria a muitos necrológios; mas o fundo subsistia. O universo ainda não parou por lhe faltarem alguns poemas mortos em flor na cabeça de um varão ilustre ou obscuro; mas Humanitas (e isto importa, antes de tudo) Humanitas precisa comer.

---

5 **Byron:** George Gordon Byron (1788-1824), Lord Byron, poeta inglês e um dos ícones do movimento romântico; **Gonçalves Dias:** Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), poeta da primeira geração do romantismo brasileiro. (N.E.)

Rubião escutava, com a alma nos olhos, sinceramente desejoso de entender; mas não dava pela necessidade a que o amigo atribuía a morte da avó. Seguramente o dono da sege, por muito tarde que chegasse à casa, não morria de fome, ao passo que a boa senhora morreu de verdade, e para sempre. Explicou-lhe, como pôde, essas dúvidas, e acabou perguntando-lhe:

— E que Humanitas é esse?

— Humanitas é o princípio. Mas não, não digo nada, tu não és capaz de entender isto, meu caro Rubião; falemos de outra coisa.

— Diga sempre.

Quincas Borba, que não deixara de andar, parou alguns instantes.

— Queres ser meu discípulo?

— Quero.

— Bem, irás entendendo aos poucos a minha filosofia; no dia em que a houveres penetrado inteiramente, ah! nesse dia terás o maior prazer da vida, porque não há vinho que embriague como a verdade. Crê-me, o Humanitismo é o remate das coisas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo. Olha, vê como o meu bom Quincas Borba está olhando para mim? Não é ele, é Humanitas...

— Mas que Humanitas é esse?

— Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, — ou, para usar a linguagem do grande Camões<sup>6</sup>:

Uma verdade que nas coisas anda,  
Que mora no visível e invisível.

Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?

— Pouco; mas, ainda assim, como é que a morte de sua avó...

— Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um

---

6 **Camões:** Luís Vaz de Camões (1524?-1580) é considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa, conhecido por seus poemas de amor e pelo épico *Os lusíadas*. O trecho escolhido por Machado de Assis faz parte de uma elegia escrita por Camões. (N.E.)